

## RESENHAS

SOUZA, Eneida Maria de. *Traço crítico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993. 171 p.

O crítico de arte e de literatura, ao assumir publicamente seu papel, encara, hoje, "pós-tudo/mudo", a soberania de cada interpretação diferente da sua, além da tradicional reação de alguns artistas, *muy amigos*. Quando publicados em jornais, pelo menos se amparam os comentários críticos na "novidade" própria dessa veiculação. Já o livro, com sua nobreza de feitura, preço e durabilidade, faz, implícita ou explicitamente, o trabalho crítico voltar também para si mesmo suas perquirições fundamentais: que legitimações pressupõe, em que consiste, afinal, esta contribuição, e como será ela, por sua vez, interpretada?

O problema é que nunca há respostas seguras para tais questionamentos, nesta época de pluralismos incontáveis, em que o crítico nem sonharia assumir "a suprema imodéstia de decretar que só serão válidas as perspectivas tomadas de seu ângulo" (Lebrun). Assim, ciente de que os leitores podem encará-lo como adversário, usá-lo como cúmplice, ou, pior, ignorá-lo, o

crítico, às vezes, já de início prefere enfrentar explicitamente seu destino, assumindo no livro as interpretações como escolhas suas, sem tentar dividir a responsabilidade de sua leitura com um grupo de *connaisseurs*, com o qual, aliás, apenas parcialmente poderia identificar-se. Assim procede Eneida Maria de Souza, quando nos apresenta este *Traço crítico*, onde afirma estampar suas "predileções e interesses literários".

Aliás, o título do livro já anuncia esse propósito: traço crítico. Não um risco, mas a segurança de uma feição, se não *própria* (a identidade, assim como a solidão autoral, são objetos de sua dúvida) muito bem *apropriada*, isto é, assumida em sua diferenciação possível. O livro de Eneida vem reafirmar certas marcas de seu caminho crítico. São, ao todo, dezesseis ensaios curtos que tratam, primeiro, de situar criticamente a própria crítica; depois, tratam de interpretar estratégias textuais e intertextuais que, atendendo às "predileções" da autora, melhor ainda atendem aos interesses da vida literária contemporânea. As inquietações neles evidentes constituem pontos de uma linha de pensamento que se alonga em sua atualíssima descrença com relação às definições cristalizadas. São marcas dos anos 90, embora às vezes seja um pouco mais antiga sua primeira aparição, em cursos, congressos, anais, revistas, de diversos locais do País.

Uma revisão "serena" do estruturalismo, ainda difícil, embora tão necessária, ou alguns passeios com Freud, enquanto questiona a psicanálise da literatura, são exemplos dessas marcas do trajeto. Pedrinhas ou miolinhos de pão? Não há como nem porque saber: marca-se o caminho para não perdê-lo, mas não para repisá-lo. Enquanto se afasta da casa, Eneida vai marcando sua localização e alimentando os pássaros.

Só quando se encena a aventura da mobilidade, é que se pode falar do passado sem nostalgia, como faz Eneida. Se o crítico aventureiro se mostra uma personagem fascinante - Piglia assim o diz - é porque sua decifração não se move diretamente à peste das origens. Trata-se, *nel mezzo*, de um saber prazeroso. Quando agradece à família de Antônio Julião, conterrâneo morto, a cessão de um desenho dele para a capa do livro, a autora o faz em nome "de seu traço fino e alegre". Também fino e alegre é o traço crítico que se expõe nos ensaios. Nesta visada crítica do sujeito, do corpo e do desejo em literatura e teoria literária, o traço não se deixa borrar por projeções explícitas, enquanto se mantém o cordial distanciamento da retomada da palavra que se faz no presente, tempo da alegria, porque tempo da enunciação.

Não por acaso, um dos melhores ensaios do livro se

intitula "Nas bordas da alegria". Nele são discutidas as relações entre literatura e psicanálise como "máquinas produtoras de prazer", a pretexto de se admirar a associação sonora dos nomes de Joyce e Freud em "joyeux" (alegre). O título deste ensaio nos remete a Guimarães Rosa ("As margens da alegria") que, além de possuir feliz nome de flor, conta, no caso, a experiência da morte misturada ao gozo infantil da descoberta do mundo. Subitamente, Eneida Derrida nos transporta às margens da página, às notas, aos parênteses e a outros "lugares esquecidos". Apagando e conservando assim as origens, se faz a arte de escrever, que simula todo o tempo mortes e renascimentos. Nesse jogo também entra o crítico em suas "desleituradas", que, segundo Harold Bloom, chegam a ser desapropriações literárias, dignas das "falsificações" da escrita. Só faltou (faltou?) a esse ensaio sobre a alegria alguma referência a Peter Gay, biógrafo de nome também alegre, outras vezes muito citado pela autora, ao falar de Freud. Enfim, talvez haja gays e gaiatos demais entre a psicanálise, a literatura e a crítica literária.

Gaiatos, por exemplo, parecem, para a autora, os discursos universalistas que se constroem nas ciências humanas em nome da igualdade entre os povos, mas que acabam por apregoar uma "imagem incorpórea do homem", ou da textualidade.

Um perigo para as teorias do comparativismo. Ao discutir a relação entre crítica literária e antropologia, a ensaísta valoriza, em Levi-Strauss, a consideração das versões dos mitos em suas diferenças e funções significativas, e também o questionamento que faz ele ao etnocentrismo. De fato, como demonstra a autora, Costa Lima não tinha razão quando apontou o binarismo e a generalidade do inconsciente como problemas e limitações do pensamento do antropólogo que mais influenciou a crítica literária dos anos 70. Trata-se de outro estruturalismo, assim como de outra universalidade.

O levantamento dessas "querelas da crítica" que envolvera, dentre outros, Drummond, Roberto Schwarz, Merquior, além de Costa Lima, constituiu a matéria do primeiro texto do livro. Apresenta-se uma revisão importante, corajosa, de um momento cultural e político do qual participou também a própria Eneida. Há, no ensaio, o processamento de uma desidentificação, em que a primeira pessoa se distancia da polêmica relatada, como se, ao nomear seu objeto de análise, pudesse reservar-se um espaço para o sujeito da enunciação que não está em causa. O resultado é "sereno", a ponto de permitir o aparecimento, nas notas, de uma carta-reação de Luiz Costa Lima, recebida quando se publicou o ensaio em *Fahrenheit 451*. Sobre Drummond, sempre *muy amigo* dos críticos, não há

muita discordância. Sobre os restantes, chega a ser espantoso o desprezo ligeiro com que os trata Costa Lima, dizendo-se "numa terra sem tradição crítica", em que a maioria, e não só os estruturalistas, escrevia mal, estes ainda tendo de suportar a reação do "velho contextualismo" da USP, ligado ao humanismo, na falta de vertente mais ultrapassada de crítica. A divulgação dessa carta irritada de Costa Lima funciona como a melhor resposta de Eneida, em 1994, já que o "velho contextualismo" parece hoje ainda mais saudável e rejuvenescido que há seis anos atrás.

Enfim, é longo e sempre vivo o diálogo com os textos da literatura, da filosofia, da psicanálise ou da antropologia, na posição de interlocutora, ao mesmo tempo incômoda e alegre, que assume Eneida, capaz de determinar claramente seus limites ou seus anteparos teóricos, sem com isso perder a mobilidade e a audácia essenciais à crítica literária. A publicação deste *Traço crítico* vem, assim, também sublinhar a importância das editoras universitárias (UFRJ/UFMG) na função de atestar o interesse cultural da interdisciplinaridade no espaço contemporâneo de letras e ciências humanas.

Graça Paulino